

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
CURSO DE PEDAGOGIA**

WANDERSON DOS REIS BORGES

A ESTÉTICA: um construto e o devir da educação

**COROMANDEL
2021**

WANDERSON DOS REIS BORGES

A ESTÉTICA: um construto e o devir da educação

Artigo apresentado a Faculdade Cidade de Coromandel como requisito parcial para conclusão do Curso de Pedagogia.

Orientador: Prof. Me. Lasaro José Amaral

**COROMANDEL
2021**

BORGES, Wanderson dos Reis

A estética: um construto, e o devir da educação /
Wanderson dos Reis Borges – Orientador: Prof. Me.
Lasaro José Amaral. Coromandel/MG: [s.n], 2021.
18p.: il.

Artigo de Graduação – Faculdade Cidade de
Coromandel.
Curso de Pedagogia

1 Educação. 2 Estética. 3 Introspectivo. 4 Construto.
I. Wanderson dos Reis Borges II. Título.

Fonte: Faculdade Cidade de Coromandel - FCC. Biblioteca.

**FACULDADE CIDADE DE COROMANDEL
WANDERSON DOS REIS BORGES**

A ESTÉTICA: um construto, e o devir da educação

Artigo aprovado em ____ de _____ de 2021 pela comissão
examinadora constituída pelos professores:

Orientador:

Prof. Me. Lasaro José Amaral
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Prof.^a Esp. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Faculdade Cidade de Coromandel

Examinadora:

Profa. Dra. XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
Faculdade Cidade de Coromandel

A ESTÉTICA: UM CONSTRUTO E O DEVIR DA EDUCAÇÃO

Wanderson dos Reis Borges*

Lasaro José Amaral**

RESUMO

O presente estudo pretende elucidar como a estética é compreendida e exercida na educação. Tem como objetivo suscitar um olhar crítico sobre o movimento neoliberal e a cultura midiática que enfraquece a educação estética. Pretende auxiliar na construção reflexiva sobre o papel social da arte e propor uma construção do autoconhecimento pelo intermédio da estética, elemento às vezes esquecido pela educação. A pesquisa bibliográfica que se desenvolve no estudo procura validar como acontece o desenvolvimento da sensibilidade e do senso imperativo, podendo se destacar o devir da educação e o construto estético que a educação precisa propor para a imersão no seu introspectivo. É a partir dessa faculdade que há emergência da autonomia, cognição, criticidade. A educação e a sua contribuição social na formação moral, estética e ética.

Palavras-chave: Educação. Estética. Introspectivo. Construto.

ABSTRACT

This study seeks to elucidate how aesthetics is understood and exercised in education. It aims to arouse a critical view on the neoliberal movement and the media culture that weakens aesthetic education. It purposes to assist in the reflective construction on the social role of art and to propose a construction of self-knowledge through aesthetics, an element that is sometimes forgotten by education. The bibliographical search that is developed in the study intends to validate how the development of sensitivity and imperative sense happens once it might highlight the becoming of education and the aesthetic construct that education needs to propose immersion in its introspective. It is through this faculty that autonomy, cognition, criticality emerge. Education and its social contribution to moral, aesthetic and ethical training.

Keywords: Education. Aesthetics. Introspective. Construct.

* Graduando em Pedagogia pela Faculdade Cidade de Coromandel (FCC). w.r.borges@hotmail.com

** Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão (UFG-RC). Docente do Curso de Graduação em Pedagogia FCC. lasaro.jose@fcc.edu.br

1 INTRODUÇÃO

Um espírito nobre não se basta com ser livre; precisa pôr em liberdade todo o mais à sua volta, mesmo o inerte.

Schiller

O ato de formar um ser exige de antemão um conhecimento profundo nos processos humanos, sociais, educativos, ou seja, uma tríade que se deve buscar como formadores, ética, moral e estética. Paulo Freire (1996 p. 18) na busca de construir esse caminho propôs para que se possa trilhar com um pouco mais de sensibilidade e luz, deixando visível que “[...] transformar a experiência em puro treinamento técnico é amesquinhar o que há de fundamentalmente humano no exercício educativo: o seu caráter formador.” Não se trata somente de lecionar os conteúdos sistemáticos, mas sim de dissolvê-los sobre uma estética que aproxime o discente para experimentação e gosto pelo que esta experienciando, a “[...] Decência boniteza de mãos dadas.” (FREIRE, 1996, p. 18)

Entende-se que o valor dado ao um determinado conhecimento está no grau de procura, ou seja, de importância que dedica, compreende-se logo a sua veracidade e estigma, segundo Baumgarten (1993, p. 59):

O mais tênue dos conhecimentos é aquele que, dizendo respeito apenas a um único objeto, o mais insignificante de todos, contém o mínimo de verdade. Logo, quanto mais estes objetos aumentam em número e em importância e em verdade, a ponto de, quando se estende ao maior número de objetos possíveis e aos objetos mais importantes, ele será o mais importante e o mais verdadeiro de todos.

Deseja-se aqui provocar ao leitor a seguinte reflexão. Dar-se-á devida importância ao objeto, ou seja, a educação estética, moral, ética dos envolvidos, percebe-se que com o aumento de importância consequentemente mais verdadeiro, mais humanos, deslocar-se para a identidade do homem, consegui ver e sentir o ideal, o que importa é a autoestrada do ensino-aprendizagem, um sujeito reflexivo, que atribui razão aos seus atos e ideias, é livre para seguir seu caminho, afastando do seu estado natural (SCHILLER, 1971 *apud* DAMIÃO, 2006, p. 40).

Consequente a esse movimento de transformação do sujeito: “A natureza o faz uno consigo; a arte o cinde e desune; pelo ideal, ele retorna à unidade.” O importante é o homem cultivar esse ideal, deve fazer esse movimento, em se voltar

para o objeto com curiosidade, dúvida, sendo assim mostrar o caminho para os que veem depois dele, e o que valera é o que leva do caminho, as experiências sensíveis. Ao homem que não busca uma educação estética, alcança sua finitude e se lançar ao inerte, ao puro racionalismo e se ver vazio, a arte preenche e completa, oferece um sentido de identidade ao homem e em seu processo de coesão.

A construção do universo psicológico contempla variáveis etárias, sendo constituída em tempos e experiências distintas, a soma dessas variáveis compreende a moral e a razão (SCHILLER, 1989), tendo essa concepção o homem tem que ser educado por completo alcançando a educação da sua alma, pela arte.

Corroborando com esse ideal Camus (1941, p. 8) mostra que “[...] o equilíbrio da evidência e do lirismo o único que pode nos permitir aquiescer ao mesmo tempo à emoção e à clareza.” Que compactua com Baumgarten (1993, p. 63):

Concentro minha atenção naquilo que percebo de modo mais claro que o resto; desvio minha atenção daquilo que percebo de modo mais obscuro que o resto. Posso, pois, a faculdade de fixar ou de atenuar minha atenção, mas cada uma destas faculdades é finita.

Para ambos deve-se buscar uma sensibilidade poética e práticas claras, que tenham o rigor científico, ou seja, aliar a teoria com o sensível, o que Nietzsche (2008, p.14) adverte: “Está agora em meu poder, tenho mão para inverter perspectivas: primeira razão por que só a mim será talvez possível em geral uma «transmutação dos valores».” Dispor-se-á condições, o poder de emergir uma nova sociedade, por meio de uma transmutação de valores educativos, pois somente ao homem e dado a capacidade de reconhecer o que foi, para construir-se no que é, um sujeito ético, moral e estético.

Entende-se que o meio para conceber um ponto de vista entre o que é belo, bom, ou entre o que é feio, ruim, antemão uma força, imperativa dada pela moral, impõe e até mesmo limita a simples repetições, o que impede de sentir a doçura ou o amargo da experiência. Acredita-se que ao trazer a estética como fundamental para uma vida ética, para uma vida racional e sensível, que entrelace na moral, que vigora suas raízes, conceber-se-á uma nova sociedade participativa culturalmente (SCHILLER, 1989).

Sabe-se a necessidade de objetivar a natureza da beleza, levar em conta que o belo será percebido pelo indivíduo, quando considera fatores ao equilíbrio

emocional, quando posto a vislumbrar o que é belo, conseguinte ao cotidiano sensorial, que influência o indivíduo de forma direta, a percepção do que é belo em si. Compreende-se que a concepção sofre variante precocemente, portanto o indivíduo tem uma percepção de beleza, tendo dois princípios, formal e material, que ora domina o que se tem na sua ideia sobre o belo e o que sentir-se ao ver.

Revela-se que esses conhecimentos estéticos auxiliam os agentes, que se ver na posição de docente, em que se demanda selecionar conhecimentos que atenda esse princípio, para que os discentes possa se projetar e serem livres, em razão, reflexão, o qual se une em princípio, caminham para uma sociedade sem preconceitos, discriminações das mais variáveis existentes na sociedade.

O presente estudo busca verificar o conhecimento estético, a sua relação com a razão e a moral, elucidar os discursos no campo da estética, e como a escolarização por meio de práticas pedagógica trabalham e podem trabalhar essa temática, será válido atenta-se para observar como se tem colaborado para desenvolver a sensibilidade e o senso imperativo.

Percebe-se que nos cursos de formação, os discentes chegam inibidos, tímidos, com dificuldades de se relacionar com o conhecimento científico e literário, conseqüentemente mecanizando as relações que se estabeleceriam entre o docente e o discente. Os docentes devem estabelecer experiências que desconstruam, e construa uma nova perspectiva sensorial, ou seja, promover ações educativas que levem os alunos a pensar o próprio *status quo*, desafiar a realidade, propor, excitar, refletir a, “[...] condição ‘sine qua non’¹ para descobrir a verdade [...]” (BAUMGARTEN, 1993, p. 96).

As artes, por meio de observação e vivência e a literatura, contém poder que auxiliar, para o conhecimento de si, capaz de melhorar a dinâmica do alunado no seguimento dos estudos e da vida social.

A estética, ciência do conhecimento sensível, do interpretar e descobrir, é possível ser desenvolvida como contribuição para eficaz prática da cidadania, à natureza e o homem, o ambiente e suas relações com o mesmo, e, como o homem se relaciona com a natureza do trabalho.

Entende-se a educação estética, para além do intelecto, e sua aplicabilidade no processo de ensino-aprendizagem na formação docente. Ao percebe-se como

¹ Indispensável, essencial, sem a qual não.

sujeito ativo, o docente produz *insights* capaz de mobilizar concomitantemente os discentes, a sociedade, o país, até mesmo o mundo, pois se torna um farol que expeli luz para os que se sentem perdidos, náufragos, podem encontrar o caminho até o continente, até a experimentação, a reflexão, a ação.

Sintetizar-se como o devir, estético, seria esse movimento de produção de significação que a educação pode propiciar aos que por ela submetidos, estigmatizados, tanto na perspectiva da tendência liberal, quanto na tendência progressista histórico-crítica.

2 O DEVIR DO PROCESSO ESTÉTICO

_ Então, você será juiz de si mesmo _
sugeriu o rei.

_ Sei que é muito difícil. É bem mais difícil
julgar a si mesmo que julgar os outros. Se
conseguir julgar a si mesmo provará que é
um verdadeiro sábio.

Antoine de Saint-Exupéry

A constante luta diária para subsidiar a sobrevivência, seja em qual campo for, o homem se volta para si mesmo e não consegue fazer o caminho de volta, refletir-se para o outro, o qualificando como um sujeito, autoritário, egocêntrico e até mesmo antipático em relações com as outras pessoas.

Retrata-se a mercantilização moral, e sensível do homem, robustecer esses valores estéticos para emergi-lo um novo indivíduo, que a contemporaneidade imerge, em uma cultura capitalista, midiática e tecnológica. O homem se anula, reduz-se a individualidade, singularidade, para atender a padrões estabelecidos por demandas de mercado, industriais, entre outros (AMORIM; CASTANHO, 2008).

Não se pretende aqui esforçar-se para fazer apologia ao conhecimento epistemológico, mas intervir, sensivelmente o que já é inato ao humano, essa inclinação para subjetivação do objeto, sua essência, refletindo a cerca do conhecimento gnosiológico (BAUMGARTEN, 1993).

Toda teoria que tenta sobrepor à outra se perde em valores, pois não reconhecer sua instrumentalização pela experiência aplicada na história, os quais

deixar-se mais elucidados, e se desloca com mais certeza, e sensibilidade no ato de fazer, pensar, e sentir (DEWEY, 1979).

Este desenvolvimento estético pressupõe maior conhecimento de si, do seu meio, da sua cultura, não se abstém em somente conhecer, inquieta-se por participar da produção cultural onde se está inserido como sujeito social.

Sendo assim o docente precisa entender o seu papel, de produção, criação comprometida com o desenvolvimento do discente, deve desenvolver políticas-estéticas que busque a autonomia não a heteronomia dos sujeitos envolvidos, buscar uma nova divisão do pensar, fazendo perceptível de ideais emancipatórias, que estão incutidos na estética elitista (RANCIÈRE, 2000).

O termo estética, subvertido, por princípios errôneos de natureza submissa, conceituando-o em padrões, que mascaram a dominação de classes, falseia, aprisiona, aliena, os que encontram-se envolvidos por essa utópica realidade construtivista, progressista, o qual se opera o tradicionalismo dentro desse devir teórico promissor, desideologizado (BAUMGARTEN, 1993; RANCIÈRE, 2000; DEWEY, 1979).

O que se pode perceber com clareza, que está envolvido por princípios que negam a experiência estética, até mesmo subtraindo sua relevância na “arte de viver” o que mostra Rancière (2000), deve-se atentar para como será as ações que pode desenvolver ou como se está sendo desenvolvidas, pois passa-se muito tempo velando os dramas da ineficiência do teórico, em vez de dar um novo significado a experiência vivida pelos discentes.

O devir que procura-se aqui é a perspicácia por meio da estética, elementos sensíveis tais à literatura, poesia, à sujeição do estado e pensamento, estetização deve vim a ser promoção da percepção da subordinação que concerne os pensamentos estabelecidos longe da singularidade, às experiências do sujeito.

Conhecendo os princípios, regime estético que está sendo impostos, pode-se elaborar uma nova sociedade, com nova moral, assim como se da na metapolítica. Tem-se que estar atentos, pois se trata aqui de fazer uma construção sensória para perceber a imposição da política estética, que amordaçou a ideia de arte, não deixa perceber o que está além do objeto, conceber-se-á assim o *status artem*, “[...] é do presente impregnado do passado que nasce o futuro.” (BAUMGARTEN, 1993, p. 84).

Pretende-se elucidar que se o indivíduo está em um estado artístico, que não sabe-se compreender, intransponível, algo que neutraliza até mesmo o sentir, o perceber, o observar e o temperamento, além da arte, deve-se buscar uma perspicácia entre o devenir e o antidevenir, característico do regime estético, que modelam comportamentos de maneira desenfreada pela microcultura fragmentada que goteja sobre as massas da sociedade, uma forma eficiente e consciente de subordinação aos que permanece habituados com as sombras da caverna (BAUMGARTEN, 1993; PLATÃO, 2018; RANCIÈRE, 2000).

3 A SIMBOLOGIA ESTÉTICA

Ir ao teatro é
como ir à vida, sem nos comprometer!

Carlos Drummond de Andrade

Muitas das vezes o docente faz esse exercício, de ir para a docência sem se comprometer, interpretando um papel, apático a beleza do ofício de ser educador.

Sabe-se que os símbolos são neutros, adquirem valores após referi valores sobre eles, os quais passam a exercer culturalmente certa significância, agindo conscientemente e distintamente sobre as nossas emoções e ações (AGGIO *et al.*, 2017).

Esses elementos simbólicos subsidiam significado, coabita uma dinâmica complexa e carregada por princípios éticos e estéticos, que faz parte de uma realidade significativa da cultura, influenciando a mente e o eu. Compõem a objetividade e subjetividade, condizem que os signos estéticos mediam a relação que exerço com o mundo e com outras pessoas e com o eu em mim.

Como a estética, com seu caráter posto neutro, pode propiciar emoções, eliciar o pensar, o ser, ou seja, como a interação simbólica com o estético neutro pode apresentar uma emoção que venha em cunho ao livre pensar, ao livre ser?

Foram desenvolvidas respostas incondicionadas, as quais se estabelecem pelo modelamento cotidiano das técnicas educativas, submetidos, condicionados a agir e pensar restritamente. Enfatiza-se reflexo dado pela leitura sensível do mundo, os discentes num contínuo processo de objetivação e subjetivação, adquirem consciência do mundo que o cerca, das relações coletivas, de si mesmo,

concomitantemente verte consciente ações que constrói e simultaneamente reconstrói a sociedade é a si mesmo, múltiplas vezes, pois se percebe ininterrupto em formação humana e profissional.

As crianças não podem derrubar a autoridade educacional, como se estivessem sob a opressão de uma maioria adulta – embora mesmo esse absurdo tratamento das crianças como uma minoria oprimida carente de libertação tenha sido efetivamente submetido a prova na prática educacional moderna. A autoridade foi recusada pelos adultos, e isso somente pode significar uma coisa: que os adultos se recusam a assumir a responsabilidade pelo mundo ao qual trouxeram as crianças. (HANNAH, 2016, p. 217).

A estética contemporânea adquire forma simbólica, capitalista, assim assume comportamento de aversão, manipulam emoções, por satisfazer desejos imediatos, sendo assim, uma erupção de emoções sensíveis que estão alienando o homem em sua vida social e como indivíduo (AGGIO *et al.*, 2017).

O que Santos (2018) demonstra em suas inquietudes, em uma introdução que propõem indagações que leva clareza a mente e aos olhos, que se faz refletir-se ao passo que “[...] inventamos a possibilidade de nos libertar na medida em que nos tornamos capazes de nos perceber como seres inconclusos, limitados, condicionados, históricos.” (FEIRE, 1997, p. 51):

A consciência acrítica, o espírito submisso, embrutecido e fragilizado em sua sensibilidade, fez emergir um ser humano e uma educação danificados, que no cotidiano escolar percebe-se nas vivências educativas reforçadoras da submissão, da acriticidade, da falta de criatividade e de autonomia do pensamento, do reprodutivismo, e muitas vezes é marcado pela tristeza, desencorajamento, emudecimento dos docentes, ilusão e encarceramento das práticas educativas que acabam reproduzindo, na sala de aula, os discursos de uma educação com base somente na razão, voltado para o mercado de trabalho, desprezando o afeto, a sensibilidade, a emoção. (SANTOS, 2018, p. 9).

Percebe-se a necessidade de propor um recorte entre o fazer estético e a simbologia estética, ou seja, como a prática pedagógica e a teoria pedagógica fundamentam a ação, o pensar e o ser.

As práticas pedagógicas, ação docente pautada no sentido prático e sensível, propiciam metamorfoses, significados, sobretudo aproxima o discente de experimentação com propósito, sensível, entusiasmo, autonomia. O que se confere a simbologia estética é o, como é posto a visualizar o conhecimento, e como comunica com o mesmo, e como, o objeto, andei-a sobre nossa faculdade sensível,

ou seja, está propondo um conhecimento expositivo, dialogado, sensível, ou apenas mercantilizando, diminuindo a ação docente apenas a processos burocráticos e cépticos, os quais fazem parte, preenchimentos de formulários, cumprimento de currículos, dentre outros (SANTOS, 2018).

O que Foucault (1987) mostra que utilizam esses recursos para um adestramento utilitarista dos corpos que ocupam as instituições formadoras, as quais servem-se de recursos hierárquicos, normatizados e o ajuste por intermédio dos exames. Essa força disciplinar que desfragmenta a sensibilidade utiliza desse poder para apropriação e utilização em seus respectivos interesses e níveis sociais, ao qual servilmente exerce o ofício, dos que por ela se submetem.

Percebe-se que esses processos onde sujeitam, através de técnicas altamente condicionantes, coloca o homem em uma condição mercantilizada, "[...] mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado [...]" (FOUCAULT, 1987, p. 154), como se dá em uma seção de interesses plutocrático, promovendo sujeitos artificiais e úteis, a grande e complexa gama de interesses contidos no imperativo social.

Pode-se perceber que na escola coexiste uma "sanção normalizadora" que afetam os discentes que se colocam expostos em uma "micropenalidade"; segundo, o tempo, da atividade, da maneira de ser, dos discursos, do corpo, da sexualidade, o qual reprimem, humilham, confundem (FOUCAULT, 1987). Tem-se presente em ambientes educativos impregnado na ação docente uma rejeição, ao que se afasta, do que o mesmo projeta nos discentes, sendo assim causa uma tênue segregação, exclusão, da sensibilidade inerente ao processo de ensino-aprendizagem, dessa forma perde-se em formação humanizada e garante o utilitarismo tecnicista dos envolvidos, qualificando, classificando, e punindo-os.

Aponta-se pela possibilidade de empobrecer até mesmo negar a experiência estética, altivando o imperativo racionalismo em detrimento da sensibilidade, o que não seria possível responder os dilemas que assolam os humanos, com essa característica puramente humana.

4 AO CONSTRUTO ESTÉTICO E AO AUTOCONHECIMENTO

Um dia não irás ver o que é elevado em ti;
aquilo que em ti é sublime irá te
amedrontar como um fantasma.
Um dia irás chorar: “Tudo é falso!”
Há sentimentos que vão matar o solitário;
agora, se não conseguirem, então, eles
próprios devem morrer! Mas és capaz de
te tornar assassino?

Zaratustra.

Quando a arte expressa de maneira significativa às diferenças do real de forma homogênea, o sujeito ao qual se sente afetado pela arte, se desloca em um estado de consciência, o qual a arte sendo expressão puramente humana, feitas por humanos para humanos imperfeitos, assim a ideia contida, o sentimento expresso, seguira o curso intelectual consequentemente ações se estabeleceram, seja na linguagem ou deslocamentos no ambiente físico (GUADAGNIN, 2021).

Segundo Gomes e Carvalho (2020, p. 13), “A imagem é capaz de lançar a pessoa em um universo no qual o conhecimento é encontrado por meio das experiências, tendo a razão igual importância em relação aos sentidos.” Existe um papel social dentro da arte, mesmo quando ela é tida como apenas simulacro, há algo de verdadeiro entre a linguagem e o ouvinte, até mesmo o respirar se torna uma forma de resistência e uma linguagem. Arte nos faz pensar contra nos mesmos nesse diálogo consciente que abarca antídotos contra a indiferença.

A construção artística ao qual o artista está envolvido metaforizam elementos que o mesmo percebe dentro da sociedade, o sujeito sensível absorve pela faculdade dos sentidos, e concomitantemente uma eloquente subjetividade entrepondo ao processo histórico de maneira há refletir-se no passado, presente e futuro.

A instituição educacional por sua vez, encontra multipossibilidades, dentro do campo estético para alcançar índices de qualidade da aprendizagem, criatividade, produção científica, e inovação dentro das oportunidades que se ofertam, orientam, e constrói caminhos para superar a si mesmos, propondo a autonomia do pensar, agir e fazer. Entretanto:

Enquanto registro atemporal, a arte é capaz de interligar o passado e o presente, contribuindo com a reconstrução coerente de um sentimento de identificação com as experiências retratadas no simbolismo de cada artista. Consente que olhares outros sejam lançados sobre a realidade; colabora com a valorização e formação de memórias contrárias à razão que busca, tão-somente, construir uma identidade homogênea que desconhece a pluralidade dos povos e, por vezes, invisibiliza suas experiências. (GOMES; CARVALHO, 2020, p. 14).

O que se é possível, e esperado, ao que tange a educação, é sua valorização a diversidade intelectual, a pluralidade, e a emancipação de povos, que por sua vez podem-se envolver dentro do processo social para propor soluções, levantar e defender ideias, serem seres inhomogêneos, estéticos, morais e éticos.

O processo de autoconhecimento, ou seja, conhecer-se tomar para si a consciência sobre o pensamento, segundo Marques (2012, p. 14), esse processo está se relacionando constantemente com a “introspecção” e a “consciência” ambos estão fazendo uma congruência que pode perceber no trecho a seguir de Marques (2012, p. 14):

Quando me refiro, no presente contexto, ao cepticismo relativamente ao conhecimento da nossa própria mente (ou de si mesmo), pretendo significar a nossa capacidade de conhecê-la através do dispositivo de uma estrutura dual, isto é, uma mente que olha para si mesma: uma mente que se coloca a si mesma como alvo.

Este complexo questionamento de si, o que propõe Marques, se transferimos para a educação, pode-se dizer; quem permanece eternamente discípulo, não consegue supera-se e tão pouco superar seu mestre.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo não se finda por aqui, pois se trata de questões inerente à vida humana, e é algo que anseia fortalecer ao que tange a educação, a vida coletiva e individual.

A pesquisa favorece aos docentes que pretendem aprimorar suas relações com o processo pedagógico, sua compreensão ao que está diretamente ligada a autonomia de expressões educativas, a compreensão da cultura, como fundamental para conhecer-se no que se refere à existência e ao seu meio qual esta inserido, e é a cultura instrumento primordial dentro do processo de escolarização.

Dentro dos limites que se foi possível essa pesquisa, pode-se denunciar movimentos neoliberais que sucateia a cultura, com o auxílio de tecnologias amplia seu poder, sobre a economia, educação, etc.

É necessária uma educação que se comprometa com a humanização, e se aproprie dos meios lúdicos, sendo esses responsáveis pela alegria em aprender. A estética quando distante dos corpos e mentes humanas, podemos perceber um atrofiamento no que tange a capacidade cognitiva, emocional, racional, conseqüentemente seres inóspitos que violam a moral, dentre outras possíveis possibilidades de transgressão de valores.

Pode-se perceber que os discursos que valorizam a arte, como processo educativo, está desapossado no processo de ensino-aprendizagem, pois compreende docentes sobrecarregados com longos processos burocráticos, e o ensino se dar por cumprimentos sistemático de conteúdos que estão distantes de fazer sentido, afetar-se pelo conhecimento, introspecção do que se aprende o que logo se transforma em ações dentro da sociedade, pois o que o filósofo René Descartes (1973) conclui, “eu penso, logo existo.”

REFERÊNCIAS

AGGIO, Natalia Maria *et al.* O papel das emoções na aprendizagem do comportamento simbólico. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, São Paulo: v. 5, n. 1, p. 27-39, 28 ago. 2017. <http://dx.doi.org/10.18761/perspectivas.v5i1.125>. Disponível em: <https://www.revistaperspectivas.org/perspectivas/article/view/125/111>. Acesso em: 20 abr. 2021.

AMORIM, Verussi Melo de; CASTANHO, Maria Eugênia. Por uma educação estética na formação universitária de docentes. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 29, n. 105, p. 1167-1184, 01 dez. 2008. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0101-73302008000400011>. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302008000400011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 22 mar. 2021.

BAUMGARTEN, Alexander Gottlieb. **Estética**: a lógica da arte e do poema. Petrópolis: Vozes, 1993. 191 p.

BYINGTON, Carlos Amadeu B. **Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica**, São Paulo: v. 37, n. 1, p. 1-20, 22 maio 2019. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/jung/v37n1/05.pdf>. Acesso em: 04 abr. 2021.

DAMIÃO, Carla Milani. **Revista de estética e filosofia da arte do programa de pós-graduação em filosofia - UFOP**. Ouro Preto: Artefilosofia, v. 1, n. 1, p. 39-44. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/raf/article/view/793/748>. Acesso em: 22 fev. 2021.

DESCARTES, René. Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências. In: DESCARTES, René. **Discurso do método: para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. Cap. 4, p. 54.

DEWEY, John. Educação tradicional versus educação "nova" ou "progressiva". In: DEWEY, Jhon. **Experiência e Educação**. 3. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979. Cap. 1. p. 3-11.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 277 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996. 76 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 127 p.

GOMES, Graciele Maria Coelho de Andrade; CARVALHO, Mário de Faria. Por uma pedagogia do belo: educação, estética e sensibilidades. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n. 53, p. 16647, 28 jul. 2020. University Nove de Julho. <http://dx.doi.org/10.5585/eccos.n53.16647>.

GUADAGNIN, Renata. A experiência estética como uma expressão da Alteridade do não idêntico. **Veritas**, Porto Alegre, v. 66, n. 1, p. 38976, 18 mar. 2021. EDIPUCRS. <http://dx.doi.org/10.15448/1984-6746.2021.1.38976>.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: ou como se chega a ser o que se é**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008. 111 p. Disponível em: https://www.marxists.org/portugues/nietzsche/1888/10/ecce_homo.htm. Acesso em: 20 fev. 2021.

PLATÃO. A alegoria da caverna. In: PLATÃO. **A República**. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018. p. 255-291.

RANCIÈRE, Jacques. A revolução estética e seus resultados. **New Left Review**, Londres, v. 1, n. 1, p. 01-29, 14 fev. 2002. Disponível em: http://www.revolucoes.org.br/v1/sites/default/files/a_revolucao_estetica_jacques_ranciere.pdf. Acesso em: 29 mar. 2021.

SANTOS, Maurício Inacio dos. **Conhecer, agir e sentir: a prática docente a partir da experiência estética**. 2018. 148 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Formação de Professores, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2018. Disponível em: http://repositorio.ufla.br/jspui/bitstream/1/30142/1/DISSERTA%C3%87%C3%83O_Conhecer%20agir%20e%20sentir%20-

%20a%20pr%C3%A1tica%20docente%20a%20partir%20da%20experi%C3%Aancia%20est%C3%A9tica.pdf. Acesso em: 18 mar. 2021.

SCHILLER, Friedrich. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. 10. ed. São Paulo: Iluminuras, 2017. 154 p.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos meus professores e colegas de curso, que contribuíram na construção estética e crítica do conhecimento, de maneira didática com metodologias que transformam e inspiram as almas.

Aqui deixo marcado o meu apresso ao meu orientador Lasaro que contribuiu na construção sistemática desse trabalho, e é ao poucos que juntos contribuiremos para esse construto estético, ele com a literatura, eu com a arte cênica, ambos com a docência.